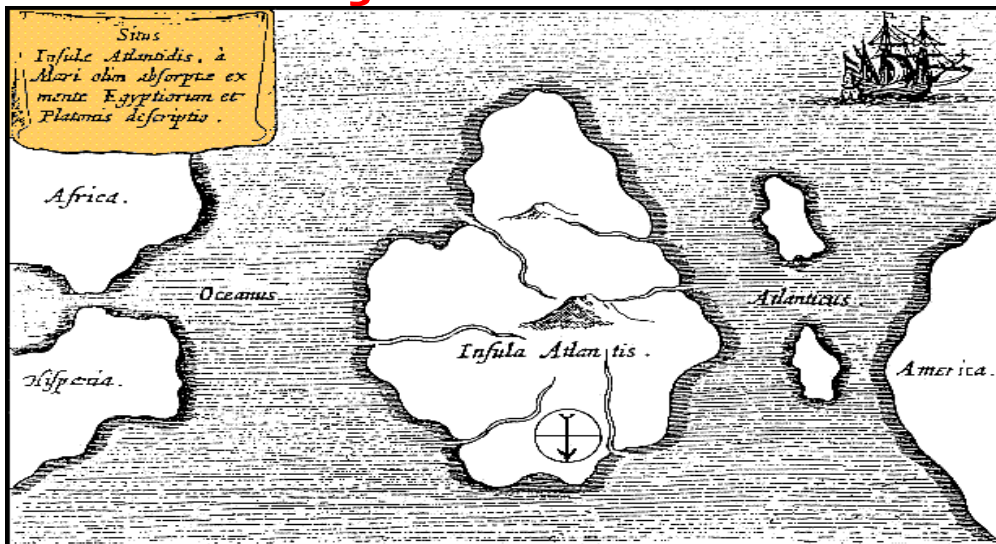


CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS



CADERNO Nº 10 março 2011

DEDICADO A Eduardo Bettencourt Pinto

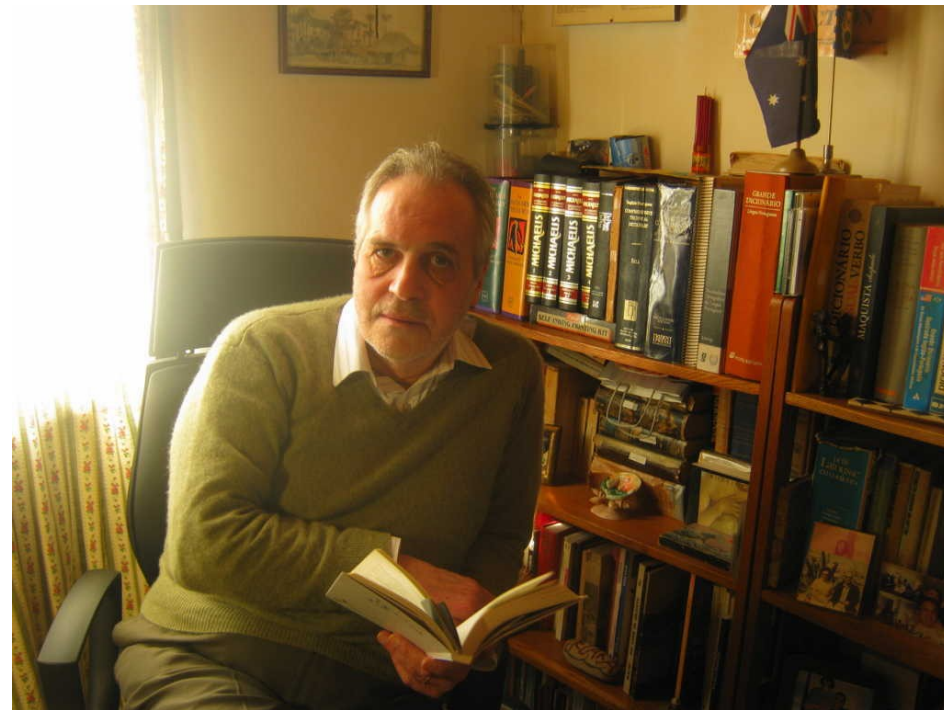
Todas as edições estão em linha em <http://www.lusofonias.net>

Editor AICL/Colóquios da Lusofonia Chrys Chrystello editou este número
Coordenação Chrys e Helena Chrystello

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia para todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



Editado por
(AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA - **revisto outubro de 18**
Em linha ISSN 2183-9239 CD-ROM ISSN 2183-9115



NOTA INTRODUTÓRIA DO EDITOR, CHRYS CHRYSTELLO

No XI Colóquio da Lusofonia na Lagoa em 2009 (4º Encontro Açoriano), decidimos obviar ao fim do Curso de Estudos Açorianos na Universidade dos Açores¹ e organizar na Universidade do Minho, Braga, com a colega Rosário Girão, um **Curso Breve “AÇORIANIDADE(s) e INSULARIDADE(s)”**.

A partir desse ano, diversos alunos de mestrado da Universidade do Minho, entre outras, trabalharam autores açorianos traduzindo excertos para francês e inglês e tais autores açorianos foram incluídos em doutoramentos e mestrados na Polónia e Roménia.

Decidimos então criar no nosso portal AICL (www.lusofonias.net) os **Cadernos de Estudos Açorianos** para dar a conhecer excertos de obras (na sua maioria esgotadas) de autores açorianos e, assim, abrir uma janela de conhecimento e divulgação sobre esta peculiar e rica escrita que entendemos ser diferente.

Em janeiro 2010, brotaram estes despreziosos **CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS** para acesso generalizado, fácil leitura e descarga em formato pdf. A sua conceção assenta na premência de dar a conhecer a **AÇORIANIDADE LITERÁRIA**, servirem

¹ Criado e ministrado por Martins Garcia, posteriormente, por Urbano Bettencourt

de complemento aos currículos regionais e às Antologias de Autores Açorianos que a AICL começou a publicar a partir de então. Os **CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS** são uma **publicação trimestral** que tenta chegar a leitores nunca imaginados em todo o mundo. Não há qualquer critério – além da arbitrariedade - a definir a ordem de apresentação dos autores.

Muitos autores fazem parte da **ANTOLOGIA DE AUTORES AÇORIANOS CONTEMPORÂNEOS** que a Helena Chrystello e a Rosário Girão compilaram na versão **bilingue** (PT-EN) em 2011, na **monolingue** em 2012, na Coletânea de Textos Dramáticos de 2013, a que seguiu, em 2014, uma Antologia no Feminino “**9 ilhas, 9 escritoras**”. Acolhemos como premissa o conceito de **Martins Garcia** que, admite uma literatura açoriana «*enquanto superstrutura emanada de um habitat, de uma vivência e de uma mundividência*”.

A açorianidade literária (termo cunhado por Vitorino Nemésio, na revista *Insula*, em 1932) não está exclusivamente relacionada com peculiaridades regionais, nem com temas comumente abordados na literatura (a solidão, o mar, a emigração), ou como escreveu **J. Almeida Pavão** (1988)...*assume-se tal Literatura com o estatuto de uma autonomia, consistente com uma essencialidade que a diferencia da Continental*”.

Assim, para nós [AICL], é Literatura de significação açoriana, “*a escrita que se diferencia da de outros autores de Língua portuguesa com especificidades que identificam o autor talhado por elementos atmosféricos e sociológicos descoincidentes, justaposto a vivências e comportamentos seculares sendo necessário apreender a noção das suas Mundividências e Mundivivências, e as infrangíveis relações umbilicais que as caracterizam face aos antepassados, às ilhas e locais de origem*”.

A AICL entende que o rótulo comum de **açorianidade** abarca extratos diversos de idiossincrasias:

— *Um de formação endógena, constituído pelos que nasceram e viveram nas Ilhas, independentemente do facto de se terem ou não terem ausentado;*

— *O dos insularizados ou «ilhanizados²», e de todos que consideram as ilhas como “suas” de um ponto de vista de matriz existencial;*

- *Um de formação exógena, no qual se incluem todos os que não nascendo nas ilhas a elas estão ligados por matrizes geracionais até à sexta geração.*

As obras já desenvolvidas e publicadas pela AICL (Colóquios da Lusofonia) em parceria com a Editora Calendário de Letras, numa série de antologias, visam dar a conhecer ao público em geral e – muito especialmente – aos professores e estudantes, excertos de autores cujas obras estão fora do mercado comercial, das livrarias e muitas vezes até das bibliotecas. Sugerimos pois a consulta das seguintes obras coeditadas pela Editora Calendário de Letras

- Antologia Bilingue de (15) Autores Açorianos Contemporâneos,
- Antologia (Monolingue) de (17) Autores Açorianos Contemporâneos,
- Coletânea de Textos Dramáticos de (5) Autores Açorianos,
- Antologia no Feminino “9 Ilhas, 9 Escritoras”

Ou a nível mais pessoal o meu livro “**CHRÓNICAÇORES** (vol. 2) uma circum-navegação de Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores, e o “Crónica do Quotidiano Inútil, 40 anos de vida literária”, com as suas doses de açorianidade.

Para os iniciados em autores e temas açorianos, sugerimos que consultem a **BIBLIOGRAFIA GERAL DA AÇORIANIDADE** a publicar em 2017 com mais de 19 mil entradas compilada ao longo de mais de sete anos. Ali incluímos autores açorianos (residentes, expatriados e emigrados), estrangeiros ou nacionais (açorianizados ou não) que escreveram sobre temáticas açorianas. Exaustiva é, mas ainda incompleta, se bem que seja indicadora do se tem produzido e muito do qual merece ser lido, analisado, criticado, trabalhado e traduzido.

Nem todos os trabalhos dizem respeito a literatura já que a quisemos tornar o mais abrangente possível e englobar nela o maior número de obras, de uma forma ou outra, relativas à AÇORIANIDADE. Dentre as obras literárias muitas não serão obras-primas nem relevantes, outras permanecem atuais pelo seu interesse histórico, mas por entre o trigo e o joio há excelentes obras à espera de serem descobertas, lidas e ensinadas.

Iniciámos os Cadernos com autores contemporâneos que estiveram presentes nos colóquios: Cristóvão de Aguiar, Daniel de Sá, Dias de Melo, Vasco Pereira da Costa e Caetano Valadão Serpa, seguidos de Álamo de Oliveira, Fernando Aires, Mário Machado Fraião e Emanuel Félix. Hoje é a vez de publicarmos Eduardo Bettencourt Pinto que foi a Macau com o 15º Colóquio da Lusofonia (abril 2011) tomando parte em vários colóquios até 2014.

EDUARDO BETTENCOURT PINTO, ESCRITOR, CANADÁ,



² adotando a designação feliz utilizada por Álamo Oliveira, a propósito do poeta Almeida Firmino

EDUARDO BETTENCOURT PINTO nasceu em Gabela, Angola, em 1954. Tem ascendência açoriana pelo lado materno. Cresceu em Luanda e saiu do país em setembro de 1975.

Fixou residência no Zimbabué e depois em Ponta Delgada, Açores. Vive no Canadá desde 1983.

Publicou vários livros de poesia e ficção. Alguns deles: *Menina da Água* (1997), *Tango nos Pátios do Sul* (1999), *Casa das Rugas* (2004) e *Travelling with Shadows/Viajar com Sombras* (2008 POESIA) edição bilingue (português e inglês). Posteriormente publicou o livro de poesia *A cor do Sul nos teus olhos*.

Está representado em várias antologias e livros coletivos em Portugal, Brasil, Angola, Inglaterra, Estados Unidos, Canadá e Letónia.

É editor da revista *online* de artes e letras *Seixo review*, presentemente com a edição suspensa.

[http://www.seixoreview.com/.](http://www.seixoreview.com/)



A sua poesia está traduzida para Inglês, Castelhana, Galego, Catalão e Letão. Organizou e publicou *Nove Rumores do Mar - Antologia de Poesia Açoriana Contemporânea* (1996). É membro do P. E. N Clube Português. (página pessoal (<http://www.eduardopinto.com>)).

Recebeu o Prémio Nacional Bienal Copa 2008, instituído pelo Congresso Luso-Canadiano.

Tem em preparação o livro *One Day Between Us*, ficção.

BIBLIOGRAFIA

9730. Pinto. Eduardo Bettencourt. (1978). *Emoção*. Ponta Delgada, ed. autor
9731. Pinto. Eduardo Bettencourt. (1979). *Poemas com Jorge Arrimar*. Tipografia Martinho. Macau
9732. Pinto. Eduardo Bettencourt. (1979). *Razões*. Ponta Delgada, ed. autor
9733. Pinto. Eduardo Bettencourt. (1979). *Nós, palavras*, com Brites de Araújo, Emanuel Jorge Botelho, Jorge Arrimar, J Tavares de Melo, Luís Xares, Sidónio Bettencourt. Tipografia Gráfica Açoriana

9734. Pinto. Eduardo Bettencourt. (1980) in *O lavrador de ilhas: literatura açoriana hoje, uma Antologia de J H Santos Barros*. SREC
9735. Pinto. Eduardo Bettencourt. (1981). *Mão tardia. Poesia*. Prémio Revelação do *Supl. Cultural* Contexto do *Jornal Açoriano Oriental*. Angra: SREC. col "Gaivota".
9736. Pinto. Eduardo Bettencourt. (1982) in *Vértice, revista de cultura e arte* vol. 42
9737. Pinto. Eduardo Bettencourt. (1983) in *Sea within, a selection of Azorean poems*. Onésimo Teotónio de Almeida ed. Gávea-Brown
9738. Pinto. Eduardo Bettencourt. (1985). *Emersos vestígios*. Poesia. Sete-Estrela. Mira.
9739. Pinto. Eduardo Bettencourt. (1985). *Oito poemas de J. Michael Yates, apresentação e trad. com Rosa Pinto*. Sete-Estrela; Mira
9740. Pinto. Eduardo Bettencourt. (1988). *As brancas passagens do silêncio*. Ficção, ed. Signo. Ponta Delgada.
9741. Pinto. Eduardo Bettencourt. (1989) in *Açores, açorianos, açorianidade: um espaço cultural*, de Onésimo T Almeida, ed. Signo
9742. Pinto. Eduardo Bettencourt. (1991). *A Deusa da chuva*. Poesia. Prémio Mário Sá-Carneiro da Association Portugaise Culture et Promotion. St. Dennis. France; para o original então intitulado *Regresso do Olhar*. Angra: SREC. col "Gaivota"
9743. Pinto. Eduardo Bettencourt. (1993). *Poemas com Jorge Arrimar*. 2ª ed. Tipografia Martinho. Macau
9744. Pinto. Eduardo Bettencourt. (1994). *Emersos vestígios*. Poesia. 2ª ed. Seixo Publishers. Pitt Meadows. Canadá
9745. Pinto. Eduardo Bettencourt. (1996). *Os Nove Rumores do mar. Antologia da Poesia Açoriana Contemporânea*, org., Seixo Publishers. Pitt Meadows. Canadá
9746. Pinto. Eduardo Bettencourt. (1997). *Menina de água*. Poesia, ed. Éter. *Jornal de Cultura*. Ponta Delgada.
9747. Pinto. Eduardo Bettencourt. (1998). *Sombra de uma rosa*. Ficção. Lisboa, ed. Salamandra
9748. Pinto. Eduardo Bettencourt. (1999). *O Príncipe dos regressos. Narrativas*. Ficção. Lisboa, ed. Salamandra
9749. Pinto. Eduardo Bettencourt. (1999). *Tango nos pátios do sul*. Poesia. Seixo Publishers. Pitt Meadows. Canadá
9750. Pinto. Eduardo Bettencourt. (2000) in *Os Nove Rumores do mar. Antologia da Poesia Açoriana Contemporânea* org. 3ª Ed. Instituto Camões. col. *Ínsularidades*.
9751. Pinto. Eduardo Bettencourt. (2000). *Um dia qualquer em junho*. Poesia. Instituto Camões, col Lusófona
9752. Pinto. Eduardo Bettencourt. (2001) in *Da outra margem, Antologia de poesia de autores portugueses de Maria Armandina Maia*, Instituto Camões
9753. Pinto. Eduardo Bettencourt. (2001). *Tango nos pátios do sul*. 2ª ed. *Revista E Aumentada*. Porto. Campo das Letras.

9754. Pinto. Eduardo Bettencourt. (1999) in *Viagem à memória das ilhas, Jorge Arrimar*, ed. Salamandra
9755. Pinto. Eduardo Bettencourt. (2003). "Amina lawal" in *Margem 2*. Funchal nº 15 mai: 63
9756. Pinto. Eduardo Bettencourt. (2004). *A Casa das rugas*. Romance. Porto. Campo das Letras.
9757. Pinto. Eduardo Bettencourt. (2007) in *Voices from the islands, an Anthology of Azorean Poetry*. John M K Kinsella. Gávea-Brown Publications. Providence. Rhode Island EUA
9758. Pinto. Eduardo Bettencourt. (2007) in *Mid-Atlantic margins, transatlantic identities: Azorean literature in context*, John M K Kinsella, Carmen Ramos Villar. University of Bristol
9759. Pinto. Eduardo Bettencourt. (2008). *Traveling with shadows. Viajar com sombras, bilingue*. Libros Libertad
9760. Pinto. Eduardo Bettencourt. (2011). "A rua das gaivotas" in *Antologia de Poesia Açoriana Os Nove Rumores do mar*. 15º Colóquio da Lusofonia, Macau
9761. Pinto. Eduardo Bettencourt. (2011). "Carlos Faria, um trovador de afetos". 16º Colóquio da Lusofonia. Santa Maria. Açores
9762. Pinto. Eduardo Bettencourt. (2011). "Selected poetry", In Moser, Robert Henry, and António Luciano de Andrade Toste, *Writings by Portuguese-speaking Authors in North America*, foreword by George Monteiro, ed. Rutgers University Press, New Brunswick, New Jersey and London
9763. Pinto. Eduardo Bettencourt. (2011) in *Antologia Bilingue de Autores Açorianos Contemporâneos* de Helena Chrystello e Rosário Girão. AICL, *Colóquios da Lusofonia*, ed. Calendário de Letras, Vila Nova de Gaia
9764. Pinto. Eduardo Bettencourt. (2012). "Um cesto com malmequeres, um amor imperfeito". 17º Colóquio da Lusofonia. Lagoa. Açores
9765. Pinto. Eduardo Bettencourt. (2012). "Açores: a luz sobre o rosto, fotomontagem". 18º Colóquio da Lusofonia. Ourense. Galiza
9766. Pinto. Eduardo Bettencourt. (2012) in *Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos* de Helena Chrystello e Rosário Girão. AICL, *Colóquios da Lusofonia*, ed. Calendário de Letras, Vila Nova de Gaia
9767. Pinto. Eduardo Bettencourt. (2013) in *Memória, An Anthology of Portuguese Canadian writers* by Fernanda Viveiros. Fidalgo Books
9768. Pinto. Eduardo Bettencourt. (2013). *Aubrienne*, ed. Seixo Publishers
9769. Pinto. Eduardo Bettencourt. (2014). "Rebello de Bettencourt". 21º Colóquio da Lusofonia. Moinhos de Porto Formoso. Açores

Grande parte das fotos são do autor e constam da sua página pessoal

<http://www.eduardobpinto.com/>

As restantes pertencem à AICL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA E Ana Loura como assinalado



Numa biografia perdem-se os barcos. Entregam-se datas e lugares como se a vida de um homem fosse apenas uma cartografia de sinais. Será melhor dar a conhecer as circunstâncias de um itinerário ou as suas variantes? É, digamos, complexa a escolha.

A primeira hipótese faz o registo da historiografia do indivíduo, contextualiza-o em certo tempo e espaço; a segunda, esclarecerá os efeitos e as causas de um percurso. Delineará, em suma, o seu perfil interior a partir das experiências vividas.

Aqui não é lugar para tanto. Importam-me as raízes. Eu sou um estrangeiro - vim de África. Tenho, viva, a memória da minha casa, do meu corpo que era outro, do som da minha voz a correr pelos muros. Atrás ficaram pedras soltas do meu templo: o Guilherme, meu irmão, o "Nero" e o "Bobi", os gatos de minha mãe. Ficaram os melhores anos da minha vida, porque foram os primeiros.

Um homem só nasce na terra que vem a conhecer depois, quando os calções da infância estão definitivamente arrumados no baú de outra idade. Eu nasci em Angola, no Sul, numa pequena cidade (Gabela). Eu amava a sua melancolia, o cheiro do café em flor, a suavidade da neblina quando anoitecia, o cantar dos galos. A minha pele tinha o cheiro daquele lugar - das suas casas de adobe, da voz do meu pai rente ao vento. Dos intermináveis cafeeiros de chuva.

Venho também dos Açores, de uma rua onde a casa de minha avó desafia o Tempo. Cresci um pouco entre aquelas paredes, ouvindo o mar. Minha avó Irene fazia tricô, lia, endoidecia

com a nossa energia africana. Fomos assim parar, eu e os meus irmãos, ao fulgor das olaias do quintal de meus tios, Veneranda e Guilherme. Havia bonecos de barro, jarros altos e frescos junto das janelas, a mesa grande onde minha tia, generosa, partia o pão. No quintal de cima, ouvia Beethoven, juro, quando os melros cantavam.

Tinha sido uma casa majestosa, aquela. Um lugar onde as lágrimas caíam no último olhar, onde o Inverno adormecia de mansinho no chão de musgo.

Sou um estrangeiro. Perdi os meus sapatos no deserto. Dormi em tendas de Sol e areia. A pele secou-se-me com a aridez dos ventos. Mas amo o que tenho e o que se foi. E sou feliz entre os rios.

2006



11º COLÓQUIO DA LUSOFONIA MACAU 2011





11º COLÓQUIO DA LUSOFONIA MACAU 2011



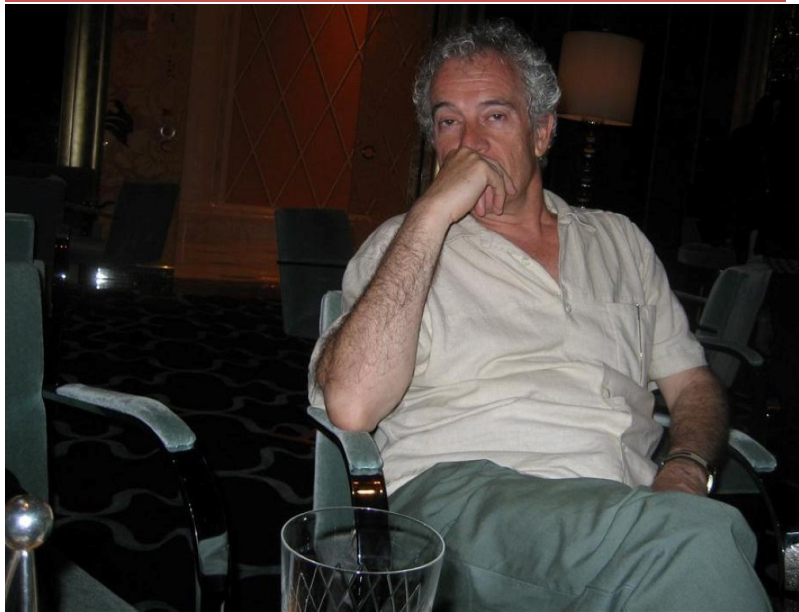
© 11º COLÓQUIO DA LUSOFONIA MACAU 2011





© 11º COLÓQUIO DA LUSOFONIA MACAU 2011





Eduardo Bottencourt Pinto

A DEUSA DA CHUVA, SEGUNDA-FEIRA, ABRIL 05, 2010

Naqueles dias

Lembras-te?

A camisa velha, a sua cor incendiada, os pés
enfiados nas sandálias cambadas,
o cabelo palhoso e áspero
do sabão azul e branco;
assim eras,
a cavalo do sol,
o coração aos gritos.

Quem sabia de ti?

Que angústia ou riso surpreendia a pedra
dessas águas, que deserto?

Estavas preso à imagem, o rio grande
da luz.

Às colunas desses dias
claros, aos seus enlevos,
folhas secas do mundo.

O gesto, brando, expectante;
num momento podias levantar voo
da alegria ou do canto
dum pássaro.

As tuas mãos murmuravam como o orvalho,
acariciavam as ervas no branco
do júbilo;
deslumbrado escutavas a chuva,
as bananeiras molhadas.

Nesse tempo de glória e ranho,
não conhecias ainda o peso do silêncio
ardendo em palavras feridas,

os olhos gastos pela luz
da ausência.



16º COLÓQUIO DA LUSOFONIA VILA DO PORTO, SANTA MARIA, AÇORES



16º COLÓQUIO DA LUSOFONIA VILA DO PORTO, SANTA MARIA, AÇORES



16º COLÓQUIO DA LUSOFONIA VILA DO PORTO, SANTA MARIA, AÇORES





Ana Loura



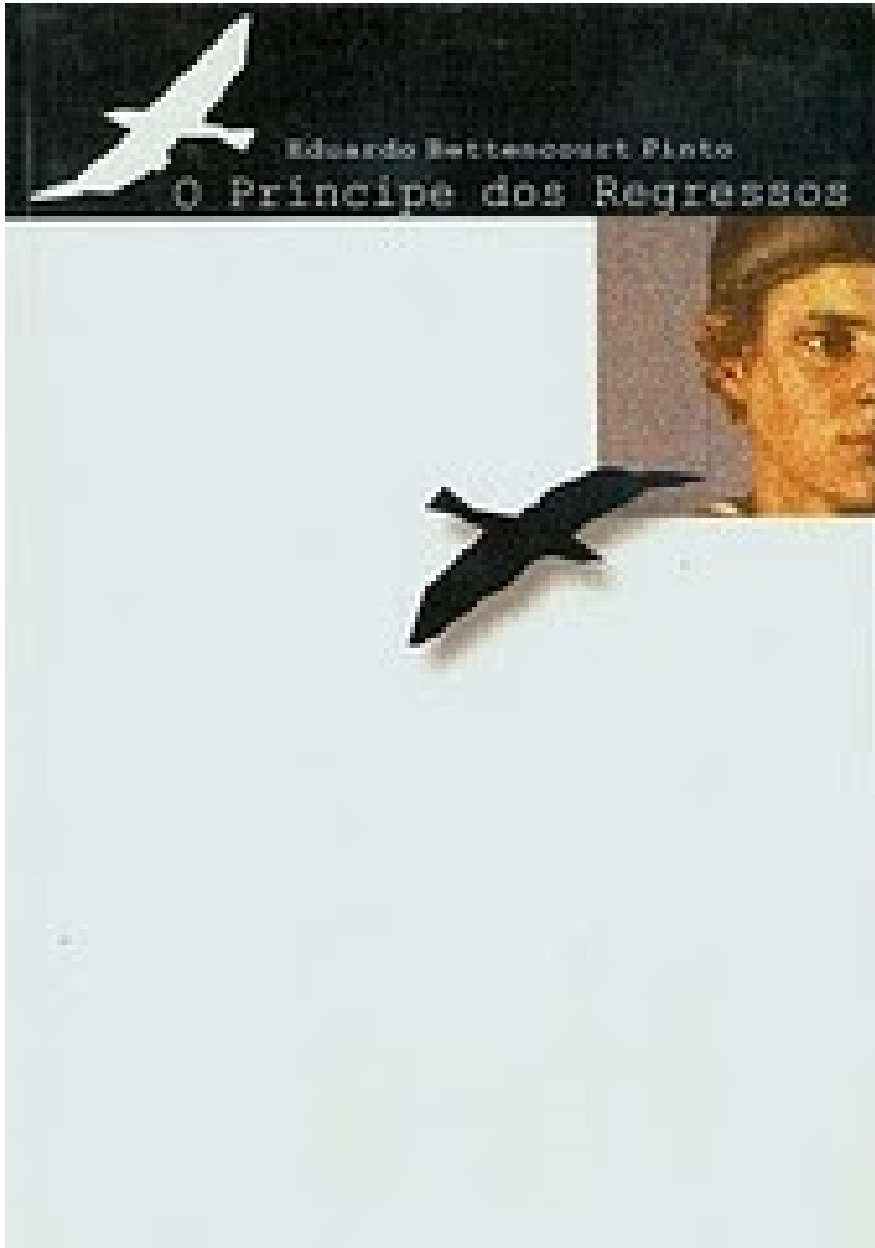
Eduardo Bettencourt Pinto



Ana Loura



Eduardo Bettencourt Pinto



O AMIGO DA MADRUGADA, (O PRÍNCIPE DOS REGRESSOS. LISBOA, EDIÇÕES SALAMANDRA, COL. "GARAJAU", 1999, PP. 46-47-48).

Valdemiro sentia-se bem consigo próprio. Tinha entregue ao Cipriano o dinheiro todo da aposta, libertando-se do ácido da culpa que lhe corroía a consciência. O serão estendeu-se até depois da meia-noite, com o Berto, após a drástica metamorfose de carácter, a revelar-se um exímio e inspirado contador de estórias, na maioria das quais era sempre o rocambolesco e delirante protagonista. A estória dos patos não tinha passado dum pretexto de mau gosto para difamar o Cipriano, de quem nunca havia simpatizado.

Era uma noite de setembro, seca. Valdemiro, descendo a canada, reparava com um carinho sem palavras no luar que branqueava as trevas, como se um imenso espelho prateado refletisse o silêncio nos telhados, nas portas e janelas adormecidas, o mistério e a sublime presença duma outra realidade. De súbito sobrevinha-lhe aquela ligação íntima com a Ilha, um amor rasgado de ausências, os milhentos lenços brancos acenando na memória. Sabia que nunca ousaria desligar-se daquele mar que lhe falava tão de perto, daqueles odores da terra que lhe recebiam os passos como um deus perdido no destino do vento.

A única janela com luz era a de Dona Filipa, uma professora continental que viera morar para ali há uns meses atrás. Lecionava na Lagoa. A casa era dos Medeiros, perdidos na América há uns anos. Deixaram-na intacta, esperando um dia voltar para lá repousarem o resto das suas vidas.

Valdemiro conseguia ver com nitidez a silhueta dela detrás das cortinas, o gesto da mão ao pentear os cabelos tombados. Abrandou o passo. Ficou dominado por uma enorme tentação: esconder-se no escuro e espiar-lhe os movimentos. Os seus desejos não eram luxuriosos, mas duma irresistível curiosidade. Sem pensar, virou à esquerda e meteu-se num vão entre duas casas, coberto pelas trevas. Encostou-se à parede, mas desviou-se logo a seguir temendo ser uma imprevidência, pois poderia ficar com marcas de cal na roupa. Mas uns assopros, mesmo de cima, culminaram num ruído lancinante de gatos a brigar furiosamente no telhado. Deu-se então conta do ridículo da situação e saiu do seu esconderijo, retomando o caminho de casa.

Ao passar rente à janela, chegou-lhe aos ouvidos o som de música clássica. De súbito, lembrou-se da primeira vez que falou com ela.

Fazia a barba quando bateram à porta. A mulher foi atender - era a senhora professora. Estava atrasada, perdera a camioneta, e vinha pedir-lhe que o marido a levasse à Lagoa. Valdemiro aprontou-se rapidamente e saiu mesmo sem comer.

Pelo retrovisor notou-lhe os olhos escuros, distantes, bebendo as imagens da Ilha. 'Isto é muito bonito', disse, afastando os cabelos do rosto e fechando um pouco mais a janela. 'Quando se vive muitos anos na Ilha, já não a vemos. Está dentro de nós', disse Valdemiro. 'Bem-posto; suspeitava que era isso. De noite gosto de ver o mar da minha

janela e ouvir música. Leva-me para distâncias que nunca julguei poder descobrir a olho nu', disse Filipa. Valdemiro calou-se, deixando-a divagar. A voz dela encurtava a distância. Sem dar por isso, estavam aos portões da escola.

Ao voltar a casa, levava dentro dele um retrato poético da Ilha pela sensibilidade de Filipa. Avivando-lhe mistérios que ele conhecia, mas não possuía palavras que os descrevessem."



O SONHO, (O PRÍNCIPE DOS REGRESSOS. LISBOA, EDIÇÕES SALAMANDRA, COL. "GARAJAU", 1999, PP. 87-88-89-90).

A memória dum sonho é a penumbra.

Levita, em espiral, num vasto, opaco foco de imagens, como a claridade súbita e líquescente sobre as heras do olvido.

Do sonho, vagueiam as ruínas noturnas, o calor do lençol, a marca da lassidão no rosto. Pelo dia fora, ou logo, ao apertar-se os laços dos sapatos, já só restam silvos, pequenos sinais de vento, um clamor.

Ao fechar-se a porta que nos leva ao emprego, por entre uma miríade de carros e luzes de semáforo, alarga-se o vazio. E nele, voando em círculos, uma borboleta de tensões.

Desse sonho (convicto da sua fidedignidade), disse não se ter esquecido. Porque lhe marcara o espírito, despertara certos fascínios. Como aquele das viagens, em que todo o nosso ser, granuliforme, se espalha em tudo o que se distende perante o olhar, passando

à razão das formas, ao conteúdo, a incorporar-se nelas - não o deserto, mas ele mesmo.

Era uma sala com tetos altos, de vidro, húmida como se fosse uma estufa. Parecia um aeroporto. Além das portas, guardadas por uma mulher de uniforme, começavam as viagens. As pessoas, expectantes, talvez ansiosas, aguardavam, papéis na mão. Outras traziam peixes. Salmões. Tiravam-nos de tanques gigantescos, mesmo detrás dele. Revoltou-se com o abuso. Levantou o braço em protesto. Muito alto.

- As pessoas podem levar os peixes consigo, é o seu destino - disse a mulher de uniforme, duas estrelas de metal a brilhar nos ombros. - Para lá desta porta há um rio, e todos têm que o navegar - rematou, ao mesmo tempo que ia recolhendo os bilhetes dos passageiros à sua frente.

- Posso ir pelo mar? - perguntou-lhe, angustiado.

- No destino, o mar não existe. Só rios - replicou, enfadada.

Tinha razão.

Ele levava consigo apenas curiosidade, a abnegação de sobreviver, uma mala pequena com as inutilidades da sua existência. Sempre fora muito frugal. Pensava que a imperfeição do mundo assentava nas ambições desmedidas. Por aí começava a corrupção, a falta de senso dos limites. Um homem, para ser feliz e justo, só precisa de sensibilidade. Ela é a mãe de toda a moral. Dizia mesmo: o caminho certo para os templos da consciência e o rosto do Outro. As ideologias estão demasiado carregadas de códigos. De palavras. Até os perversos, na logração da retórica, podem tomar-lhes as rédeas nos seus discursos. Ninguém lhes vê o coração. Como dizia, o que ele levava na mala (para os outros perfeitamente desprezível) era apenas dois livros. Algumas fotografias. Que lhe recordassem o passado. A partir da mulher de uniforme, transpondo a porta, ele deixaria de existir.

Sim, rios, muitos. Colinas verdes, um ar fresco. Ele a deslizar nas correntes, imparáveis. Muitos seguindo os salmões; ele a intuição dum poeta. Num mundo líquido, era muito pouco. Sobretudo numa navegação orientada apenas pelos sentidos.

Nas margens, grupos dispersos gesticulavam. Levantavam-se das suas toalhas de *picnic*, muito coloridas. Pareciam crianças.

Aproveitando um lança de águas, conseguiu agarrar-se às raízes dum pinheiro. Pinheiro porque é nesta árvore que o silêncio canta. Mas talvez fosse um arbusto desmedido - na serenidade, os excessos são irremediáveis.

Estava agora numa esplanada. Um homem, altissonante, contava anedotas. Contagiou-o. E às pessoas das mesas circundantes. Mas a certo momento, um indivíduo, aparentemente irritado, soltou um chorriho de imprecações. Sem parar o seu talento de prodigioso relator de humores, o homem tirou um lenço do bolso e passou-o pela boca do outro, apagando-lhe o incêndio injurioso.

O homem, hirto, capitulou. Mas os demais não gostaram. As gargalhadas, cessando, deram lugar a expressões de ódio e ameaça. Solidarizou-se com ele e levantou a

voz. Piorou a situação. Num instante, punhos cerraram-se. Levantaram-se ao mesmo tempo, num rasgo presciente.

Correram horas e horas sem parar.

Acabaram numa paragem de autocarro. Gente por todos os lados, sacos, mochilas, galinhas e porcos. Meteram-se num.

Foi empurrado até ao fim do autocarro. Sentou-se de repelão. Ao seu lado, uma velha índia, com dedos trémulos pregados ao rosário, murmurava uma prece. Deixou cair a cabeça no seu ombro e adormeceu.

Quando acordou no sono, estava de novo na sala de vidros. A mulher fardada, virando-se, diz-lhe:

- *Se tivesse levado o salmão, tinha evitado o ódio. Acha que vale a pena seguir a intuição da poesia?"*



EduardoBellenccourtPinto



[17º COLÓQUIO DA LUSOFONIA LAGOA 2012](#)





17º COLÓQUIO DA LUSOFONIA LAGOA 2012



17º COLÓQUIO DA LUSOFONIA LAGOA 2012





Edouardo Bettencourt Pinto



O INVERNO, (O PRÍNCIPE DOS REGRESSOS. LISBOA, EDIÇÕES SALAMANDRA, COL. "GARAJAU", 1999, PP. 147-148).

Na lassidão da cadeira, insurge-se contra o inverno. Tem o cobertor sobre os joelhos, o calor antigo da melancolia. Vê, por dentro das sombras, a silhueta dos seus dias. Esgrime contra as horas mortas um tição de sonolência e olvido. Nas suas mãos adormece um tédio calado, cintilante, perdida estrela de névoa. Quando fala, canta como se estivesse numa falésia de alvoreceres pardos. À sua volta, o silêncio deixa-se cair como um trapo rasgado.

Levanta-se. Há uma lonjura triste nos passos, breves como pétalas de magnólia. Chega à cozinha e não reconhece o país: um prato de bacalhau, batatas, azeitonas do Alentejo. Pergunta pelo homem que foi, quantos anos têm seus olhos noturnos.

Chove por todo o outono do seu olhar. Recolhe-se na mudez de um adágio de águas, intrincado carreiro de saudades descendo o rosto. Ouve em si mesmo o fulgor das tardes grandes do verão, ainda rapazinho, correndo atrás dos pombos, fatigados pela luz dos seus gritos. Só voltando a esse tempo se recorda quem é. Mas já nessa altura lhe faltava na alegria a cor da alba, suspensa na ausência de sua mãe. Por cima dessa idade passaram nuvens brancas, voos inaudíveis, até que uma ponte de angústias se desmoronou sob os passos.

Tem na roupa que veste o irmão mais próximo. Flutua numa espécie de harmonia cansada, de quem espera um anjo de rosas no topo da janela. Não quer ser daqui: a neve cai-lhe no desterro íntimo como um lençol de fascínios traiçoeiros.

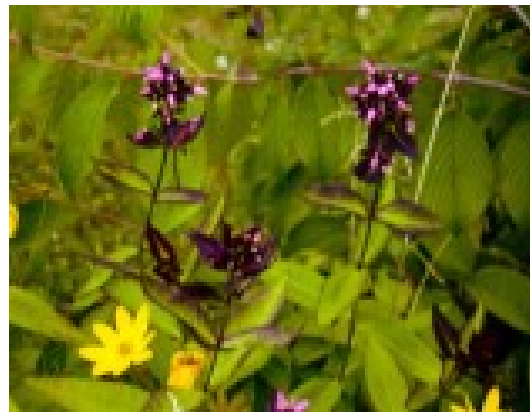
O filho traz-lhe duas ou três palavras, o cheiro do feno, a memória que lhe deposita nas mãos, um lastro de vozes sobre o rio.

Mas ele não o ouve. Pergunta:

- *De quem és filho?*

Fala-lhe de catos, de muros brancos contra o mar, de como a terra morre em certos dias de junho.

- *Sou filho da saudade que sentes de ti - diz-lhe, por fim."*



O azul dos seus olhos

Alheia e inacessível de tão bela,
olhava-a da imensa janela solitária.
Enterrava as mãos no vazio, âncoras
fundando num mar de pedras e olvido.
Pensava nela rente à noite, deitado na cama
de jovem pobre e nu.
Ardia sobre os lençóis noturnos e tropicais.
Imaginava palavras
que voassem um dia da sua boca para o azul dos seus olhos,
céu fugidio e inabitável
do outro lado da rua.
Eram tímidas e puras as suas palavras,
as cinzas
mais tristes da sua voz.
Morriam todas as noites
no rumor da almofada.
Pela manhã era como se tivesse atravessado
um jardim em desordem.
Pegava nas rosas da madrugada
e corria à janela
para a ver sair de casa.
Mas as pétalas do seu amor infeliz caíam,
uma a uma,
entre os seus pés.



EduardoBettencourPinto



EduardoBettencourPinto



18º COLÓQUIO DA LUSOFONIA OURENSE GALIZA 2012



18º COLÓQUIO DA LUSOFONIA OURENSE GALIZA 2012



18º

COLÓQUIO DA LUSOFONIA OURENSE GALIZA 2012



18º COLÓQUIO DA LUSOFONIA OURENSE GALIZA 2012



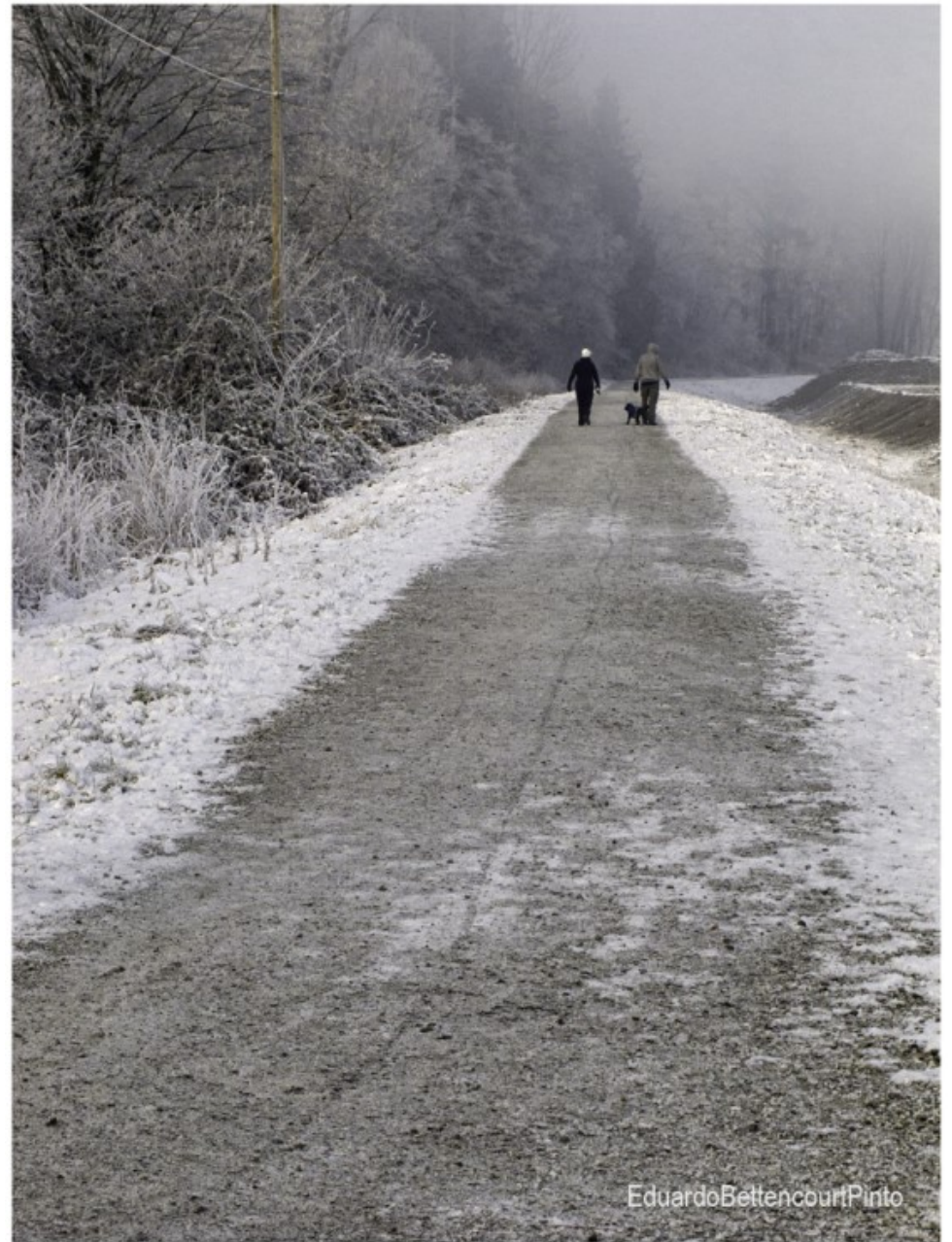


18º COLÓQUIO DA LUSOFONIA OURENSE GALIZA 2012



Casi cielo

Bebo o último sol da tua boca.
As cadeiras estão vazias.
Oíço um murmúrio de guitarra enquanto um bravo cavalo de água
galopa sobre o mar.
Os teus ombros ardiam, lembro-me, o vento.
O vestido era branco, as sandálias duas sombras de palmeira.
Não tinhas um nome para recolher os meus rios,
e a nostalgia olhava-me como um cão.
Um dia todos nós partimos.
Mas eu regresso sempre a este cais,
palavra a palavra,
buscando-te.



O Tarzan Taborda

Andava ainda descalço pelo quintal quando Tarzan Taborda apareceu em Luanda com uma fúria inverosímil. Temível no ringue de luta livre, os seus adversários pareciam mais vítimas do que oponentes à sua altura. Sofriam tareias de tal modo monumentais que alguns, os mais infelizes, acabavam num voo desgraçado pela plateia fora num itinerário de patos desgarrados cuja aterragem, brutal, tinha toda a aparência de uma aparatosa e inevitável catástrofe. O público, em delírio no Estádio dos Coqueiros, aplaudia de pé.

Eu não podia acreditar, no meio daquela turba ruidosa, que um ser humano fosse capaz de tanta valentia e prodígio físico. A verdade, porém, é que o Tarzan Taborda, com a sua tanga de pele de leopardo e músculos de pedra era um dos imbatíveis heróis da minha infância. Por isso estava eu ali, crente naquele jogo de forças descomunais e cujos combates representavam a realidade de um imaginário que só me era possível desfrutar nos filmes épicos e de cobóis que passavam nas deliciosas matinés da SMAE.

Era pois a idade de andar descalço, não obstante dispor dos «quedes» da fábrica Macambira, na Vila Alice, e das sandálias e dos sapatos que levava à igreja pentecostal todos os domingos. Mas quem era capaz de convencer-me a calçá-los? Eu era um menino negro de pele clara cujos pés recebiam com agrado e privilégio o afago morno daquela terra vermelha.

Era o tempo da liberdade e de uma eterna plenitude estival que nos amolengava atirando-nos para fora de casa. Até na estação fria, que se designava por o cacimbo, nos acompanhava um mormaço deleitoso. Sobre nós caía uma humidade aveludada e morna como se estivéssemos sob os efeitos de uma estuacção eterna.

Foi com os angolanos negros que descobri que a inventividade existe em cada um de nós como forma de contornar as dificuldades mais elementares. Aprendi, por exemplo, a fazer papagaios de papel e canas de bambu, a rolar pelas ruas atrás de arcos de barril guiados com um arame, trotinetas com rolamentos de automóveis cujos funcionários da câmara tanto gostavam de confiscar, carrinhos de madeira com os quais fazíamos corridas loucas na descida íngreme em frente do Liceu Salvador Correia.

Tudo passou muito depressa. Cresci, saí de Angola e o Tarzan Taborda (Albano Taborda Curto Esteves) já faleceu. Deixou-nos em setembro de 2005. Participou, ao longo da sua carreira, em mais de quatro mil combates. O último foi, segundo um artigo de João Saramago no Correio da Manhã de 10 de setembro de 2005, no Coliseu dos Recreios em Lisboa. Além de lutador foi bailarino no Lido de Paris e fez de duplo em Hollywood. A sua última atividade profissional foi a quiropraxia, tendo sido ainda o autor do livro Como

Prolongar a Vida com Força, Saúde e Beleza.

Desapareceu o herói que alimentou histórias de valentia de muitos meninos angolanos da minha geração luandense. Uma página, enfim, que se fechou com o silêncio de uma folha cintilante de abacateiro caindo no chão da memória.



EduardoBettencourtPinto

Inverno e Sociabilidade

Mergulho num sábado escuro enquanto a madrugada, devagar, se vai tornando manhã.

O inverno galopa ao nosso encontro. Já nos trouxe muita neve na passada quinta-feira. É uma coisa atípica por estes lados do Canadá em novembro. De repente uma calamidade branca diante de nós. Os hábitos triviais de cada dia transformam-se então em desafios, suspense e neurose.

Nunca experimentara com a «Cacilda», a minha velha carrinha Toyota, estas precárias

condições de estrada. Os veículos com tração às rodas traseiras são dançarinos imprevisíveis em piso escorregadio. Mas ela, garbosa na sua dignidade antiga, portou-se como uma dama elegante. Pregou-me algumas partidas, claro, como não podia deixar de ser. No fundo, porém, levou-me aonde eu queria sem queixumes e ressentimentos.

As flores, sob o inesperado impacto glacial, murcharam nos vasos da entrada. Como os braços de um homem sombrio, as hastes, pendentes, definham a olhos vistos. É triste vê-las assim, tanta luz que foram alumando de fulgor os dias quentes do estio.

O Rocky, esgazado como sempre, atirou-se para o quintal de trás sem o espanto e o júbilo com que, pela primeira vez, descobriu a neve. Até aos cães lhes aborrece a rotina.

Nesse dia estacou mal a porta se abriu. Parecia confrontado com um misto de espanto e susto. Nunca tinha visto tanta brancura na sua vida. Avançou com cuidado pela neve. Cheirou-a com faro terapêutico. Lambeu-a uma, duas, três vezes. Acabou por comer um bocado. Sacudiu a cabeça (brr!) e desatou numa corrida louca de um lado ao outro do quintal até não poder mais. Foi um delírio.

Não gosto do inverno. Há um isolamento soturno nas pessoas que me aflige, um recolher obrigatório sazonal que não é de introspeção mas de alheamento. Quando penso nisto lembro-me sempre desta passagem lacónica de Jorge Luís Borges:

«O meu pai estreitara com ele (o verbo é excessivo) uma dessas amizades inglesas que começam por excluir as confidências e que muito em breve omitem o diálogo.»

Pois, as impressões de Borges.

Acho os ingleses pragmáticos, é claro, e socialmente fechados. Mas quem não é assim perante estranhos? Em quem confiamos? Se contarmos os dedos da mão esquerda acharemos o número exato daqueles que são nossos confidentes. Os da direita estão demasiado ocupados para nos deixarem refletir. Ou vice-versa, conforme se a pessoa é canhota ou não.

A confidencialidade é a virtude da confiança e do respeito mútuos. Os códigos sociais não albergam necessariamente formulações que manifestam (e dignificam) as mais elementares características da lisura de carácter. Os subtis atiram pedras de modo oblíquo; e aquilo que por vezes parece transparente não passa de uma encenação.

Cada um avança para o palco social da maneira como pode. Mas uma coisa é certa: quase ninguém se atreve a mostrar-se nu, metaforicamente falando. (Há casos de loucura programada mas esses fogem à regra). A morte do artista seria inevitável. O público, esse, exultaria. Até porque o triunfo do cínico e do coscuvilheiro, mesmo que assustadoramente

efémero, resume-se a isto: julgando manipular os outros com as suas artes cavilosas, acaba sempre por beber o veneno da sua própria ostentação.



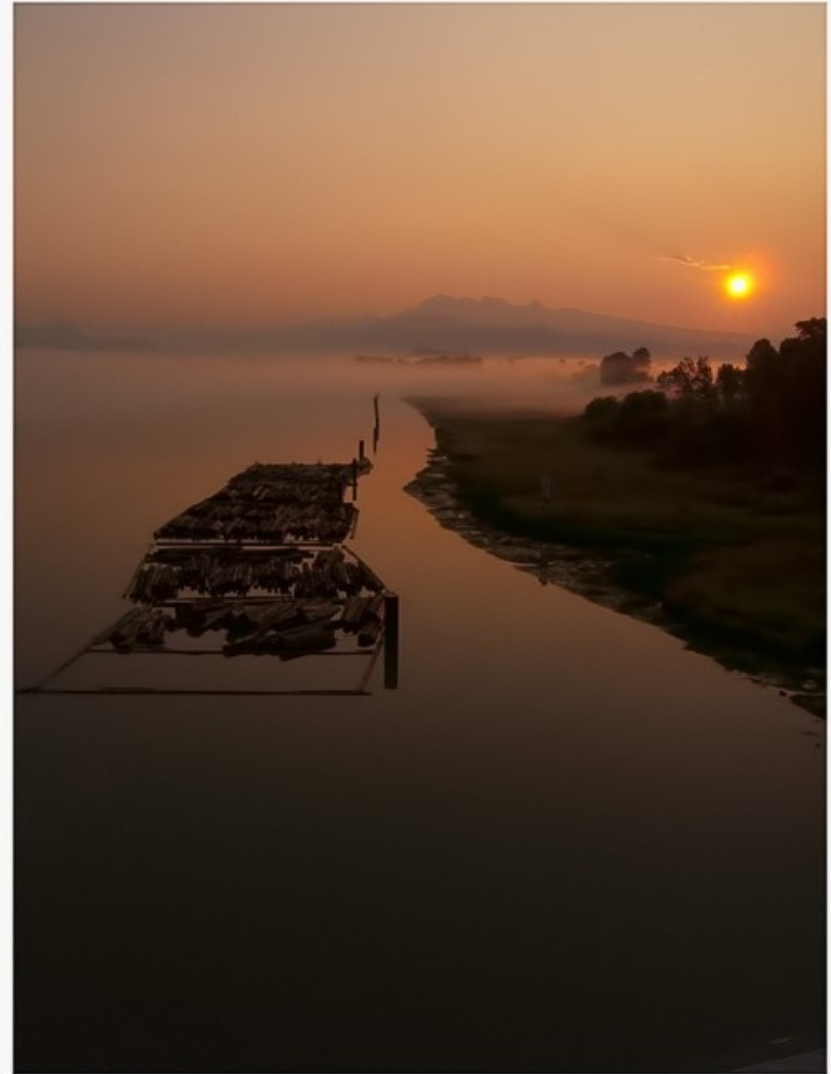
Eduardo Bettencourt Pinto



Eduardo Bettencourt Pinto



EduardoBettencourtPinto



EduardoBettencourtPinto

Mulher africana

Abres as persianas, olhas a rua. Do outro lado está uma mulher negra, as mãos molhadas sobre o avental. Está descalça. A pele do rosto rebrilha, é uma agitação de penumbra refrescando com a brisa.

Há um fragor algures no seu mundo.

Vê-se-lhe nos olhos. São dois lagos crispados onde reflete a luz forte da manhã; diáfanos, bebem as canções solares dos pássaros.

Que dizer de uma mulher pobre, lavando o cansaço dos outros num tanque de cimento? Sempre a viste ali, mesmo agora, trinta e tal anos depois.

Pensas nas suas mãos com espuma do sabão, o suor de vidro a cair-lhe do rosto, o quintal afogado na crispação das árvores, (algumas figueiras e dois mamoeiros solitários), e no tanque, onde ela curvava a sua vida exasperada, dia após dia, enrugando a água suja entre os dedos numa quietação de rio adormecido no seu próprio silêncio.



Edwards Belfour Prof

. Amina Lawal

Nos campos onde moram
Uma palavra sobre a tarde
Ofício

Um país Que importa?

Alma

Conhece nas minhas mãos

Mulher africana

Primeiro encontro

A ilha

Um amigo

Uma imagem na espuma

O mar que atravessas em setembro

Idade

Cântico

Sabia chegar ao Outono sem morrer

Como se fosse ontem

Amor

Dona Glória

Ode à leitura

Manhã de chuva





EduardoBettencourtPinto



Eduardo Bettencourt Pinto



EduardoBettencourtPinto



21º COLÓQUIO MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014



21º COLÓQUIO MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014





Eduardo Bettencourt Pinto



Eduardo Bettencourt Pinto

livros

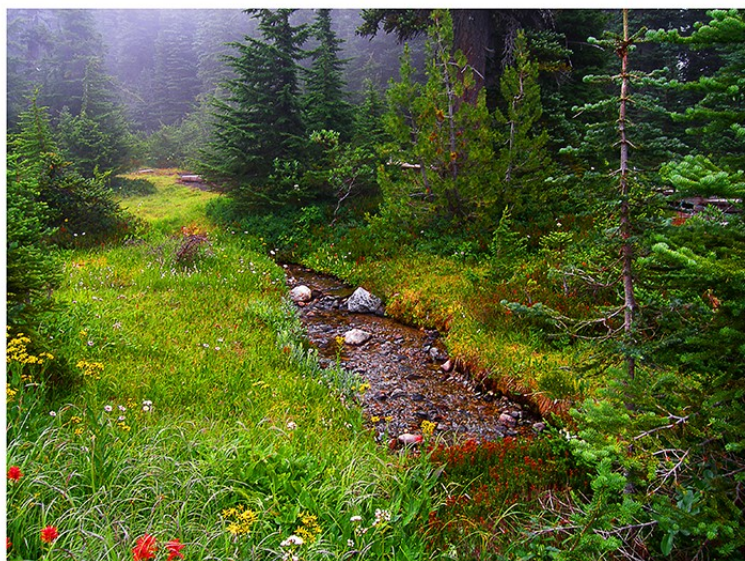


A casa das rugas

«Quem assim escreve é uma das mais belas vozes da língua portuguesa que nos últimos 60 anos nasceram em Angola».

► comprar

– Jorge Heitor
Suplemento **Mil Folhas PÚBLICO**



Eduardo Bettencourt Pinto



Tango nos pátios do Sul

«Tango nos pátios do Sul não é o resultado de um talento em estado selvagem. Tem por detrás a poesia de Yates e a herança cultural da língua portuguesa».

► comprar

– Urbano Tavares Rodrigues
JL



Eduardo Bettencourt Pinto, angolano de nascimento, tem raízes açorianas pelo lado materno. Viveu dois períodos da sua vida na ilha de S. Miguel (infância e já na fase adulta), dos quais guarda perduráveis recordações e indeléveis vivências.

É autor de vários livros de poesia e ficção, bem como o editor da revista *Seixo review* online de artes e letras. Fotógrafo amador, esta é a sua primeira exposição pública.

Vive no Canadá desde 1983.

Dançar com a intimidade

A ilha descobre-se a cada instante. Revela-se nos momentos limpos da sua paixão, nas suas florestas de luz que tanto surpreendem e cativam o visitante.

Passsei por aqui à procura do Tempo. Encontrei-o na nobreza dos cavalos, na altivez desconfiada das gaivotas. Descobri-o na leveza do silêncio, nas flores de sal e vento e no brilho fulgurante das plantas.

Sinto então que toda esta beleza dança dentro do olhar numa harmonia única, que dói no sangue e na alma como se um viajante se perdesse para sempre no meu imaginário à procura do mundo inicial.

Assim me perdi e me encontrei na ilha.

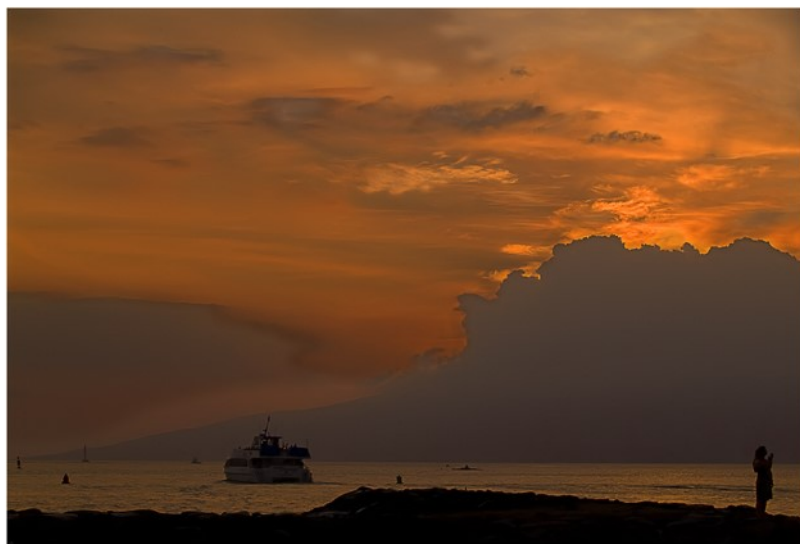
Entre os Dedos a Imagem,

Para Alzira Silva

Em cada fotografia que tiro tento descobrir um novo universo de cores, formas, objetos e fulgurações. Aprendo assim a conhecer um outro mundo. Embora aparente, há que encontrá-lo entre os contornos do mistério. Um ângulo novo é uma reconstrução imagética. Eleva os sentidos a uma catarse visual, à busca de significados novos para o ser. Estou na Fotografia porque urge-me encontrar outros caminhos para o quotidiano, sem palavras. Apenas o silêncio profundo ante o inesperado – uma cadeira num charco, o cão

da cidade atrelado à mão de um velho, que é a nossa mão, frágil e instável, segurando as nossas contradições.

Curioso: as sementes da minha poesia começaram em S. Miguel. Muitos anos depois, foi através de uma máquina fotográfica que vi o mar nos olhos de uma mulher. Era Verão, e sobre a ilha pairava uma nuvem branca. Eu não tinha os pincéis de Matisse, nem o seu génio. Apenas aquela máquina, pequena, trémula e indecisa encostada ao rosto. Premi o botão e a nuvem entrou na memória. O mar cantava, sempre foi assim nos Açores: como uma imensa língua canina acariciando-me a alma.



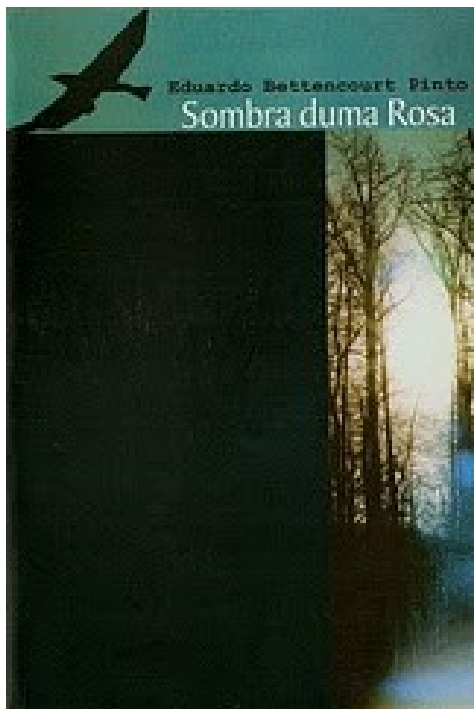
Eduardo Bettencourt Pinto



© Eduardo Bettencourt Pinto



15º colóquio Macau 2011

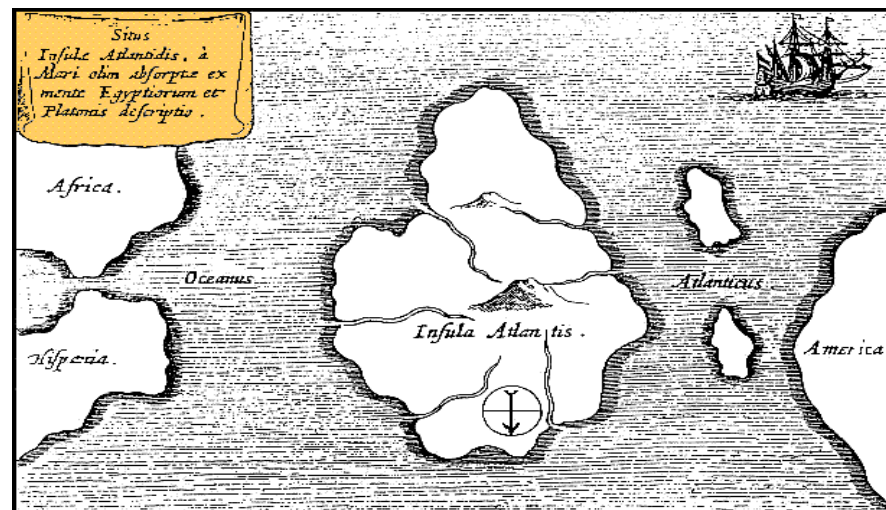


© Eduardo Bettencourt Pinto

CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS

CADERNO # 10 Edição março 2011

EDUARDO BETTENCOURT PINTO



Todas as edições em www.lusofonias.net

Editor **AICL - Colóquios da Lusofonia** (Chrys Chrystello EDITOU ESTE NÚMERO)

Coordenação Chrys e Helena Chrystello

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia e é usado em todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



Editado por **© TM®** COLÓQUIOS DA
LUSOFONIA (AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA)